

## Uma boa notícia

O facto de, pela primeira vez na história dos estudos internacionais de avaliação dos conhecimentos específicos e competências dos alunos em três domínios fundamentais (leitura, matemática e ciências), Portugal se situar na média dos países da OCDE é, para mim, uma boa notícia com certeza partilhada por muitos de vós. Mas porque não tenho sentido a partilha e divulgação desse sentimento entre nós e com os outros (comunicação social, ...)?

E não será a secção da nossa revista «Pontos de vista, reacções e ideias ...», um bom espaço para essa partilha? Assim, aqui está a minha reacção ao estudo PISA 2009 a partir dos dados que constam da página do GAVE, sem poder deixar de olhar para trás e de ficar muito atenta ao futuro.

Em 2004, aquando da divulgação dos resultados do estudo PISA 2003, muitos dos títulos da imprensa eram devastadores essencialmente para os alunos, para as escolas e para nós, professores. Recordei-me de alguns: «Alunos portugueses são dos piores na matemática» (*Pública*, última hora, 07-12-2004); Alunos portugueses muito abaixo da média da OCDE em matemática (*Agência Lusa*, 06-12-2004); Matemática – uma docência calamitosa (*Jornal de Letras*, 2005, n.º 897)».

Também lembro que a direcção da APM foi muito solicitada, questionada pela comunicação social sobre os porquês destes resultados e, sem nunca excluir os professores e o funcionamento das escolas da sua parte de responsabilidade, destacou sempre outros factores e apontou factos que podiam justificar a ausência de melhorias entre o estudo PISA 2000 e o estudo PISA 2003, nomeadamente ao *Jornal de Letras*, 2005, n.º 899 onde é referida a ausência de políticas, projectos de intervenção que fossem ao encontro de «propostas apresentadas em estudos nacionais produzidos em anos anteriores como o *Diagnóstico e propostas para a Matemática escolar* produzido em 1997 por um grupo de trabalho a solicitação do próprio *Ministério da Educação e o Matemática 2001 – Diagnóstico e recomendações para o ensino e aprendizagem da matemática*, de 1998 e da responsabilidade da APM, que identificavam os problemas e propunham soluções». Estudos que não se limitaram a analisar apenas o binómio professor/aluno, mas tiveram também em conta os currículos e as organizações e comunidades escolares. Desses estudos, é ainda

destacado no referido artigo «o reconhecimento da necessidade de um investimento nos professores de Matemática (incluindo os do 1.º ciclo) com apresentação de propostas concretas para a formação inicial e contínua». Noutro artigo do jornal *Pública* de 8 de Fevereiro de 2005 também são identificados, pela direcção da APM mais dois problemas relativamente aos quais, nos últimos anos, foram procuradas e testadas respostas «o problema da selecção e colocação dos professores em que todos os anos mais de 50 mil candidatos mudam de escola é outro dos pontos críticos do sistema» bem como o funcionamento do sistema de apoios educativos que «não têm funcionado, faltando proporcionar uma maior articulação entre quem dá apoio e o professor da turma, alargando a coadjuvação do ensino no 1.º ciclo».

Foi com este *flashback* que eu mais desfrutei dos indicadores do estudo como o de que «em matemática, entre 2003 e 2009, diminui 7,5 pontos a percentagem de alunos com desempenhos de nível 1 e inferior a 1 e aumenta 8,4 pontos a percentagem de alunos com desempenhos de nível 3, 4, 5 e 6» e com a mensagem do secretário geral da OCDE (página do GAVE), que destaca, entre outros aspectos, que «a qualidade de um sistema educativo nunca é superior à qualidade dos seus professores e dos seus directores escolares. Os bons sistemas educativos têm de dar atenção a todos os aspectos do recrutamento de profissionais. Portugal melhorou significativamente a formação de professores».

E porque o aspecto essencial do PISA é o de assentar numa avaliação que incide nas competências que evidenciem o que os jovens de 15 anos sabem, valorizam e são capazes de fazer em contextos pessoais, sociais e globais, só podemos estar todos orgulhosos: professores, alunos, escolas, formadores de professores, responsáveis pelos estudos que apontam soluções, os decisores e responsáveis pelas medidas de intervenção dos últimos anos e a APM, como Associação independente, pela persistência na tomada de decisões estratégicas sobre o ensino e aprendizagem da Matemática.

M. Isabel Rocha

ESECS/Instituto Politécnico de Leiria